

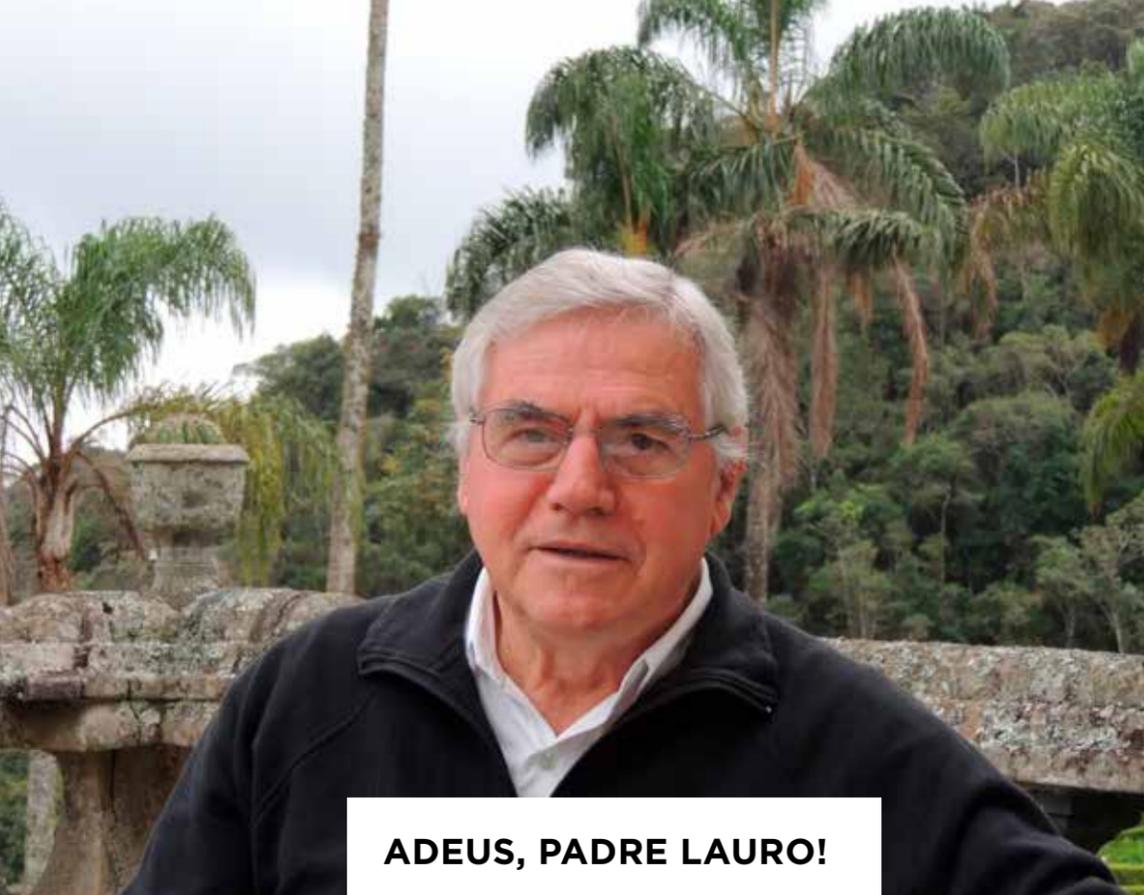
a chama



REVISTA DA ASSOCIAÇÃO DE PAIS E MESTRES DO COLÉGIO SÃO VICENTE DE PAULO

REGANDO A SUSTENTABILIDADE





ADEUS, PADRE LAURO!

Diretor do São Vicente em dois períodos (1980-1986 e 1999-2013), Padre Lauro Palú faleceu em abril último, deixando muitas saudades em todos que conviveram com ele. Ele gostava de dizer que queria receber homenagens em vida. Aqui nest'A Chama, na qual ele teve participação ativa durante muitos anos, Pe. Lauro foi lembrado diversas vezes com suas fotos, poemas e artigos. Em 2013, quando deixou o colégio para assumir a direção do Santuário do Caraça, publicamos uma longa entrevista com ele, fazendo um balanço de seus 20 anos à frente da escola. E mais recentemente, no número 104 da revista, A Chama prestou-lhe uma homenagem de cinco páginas, por ocasião de seus 80 anos. Agora que ele se foi, não podemos deixar de lembrar, mais uma vez, do grande missionário, humanista, educador, escritor, poeta, fotógrafo e, sobretudo, amigo dos educadores e dos muitos alunos e alunas que ele formou. Obrigado por tudo, Padre Lauro. Descanse em paz!



a chama

Revista editada pela
**Associação de Pais e Mestres do
Colégio São Vicente de Paulo**

Ano L Nº 112
Maio/ 2023

Supervisão Editorial
Alline Figueira de Paula e Simone
Coelho Moreira Sampaio

**Reportagem, Redação e Edição de
Textos**
Rosa Lima

Revisão de conteúdo
Norma Hoffmann

Projeto Gráfico e Produção Editorial
Christina Barcellos

Capa
Ilustração de Malena Kilduff de
Santi - T1A

4ª Capa
Arte de Sacha Mófrea Leite - APM

Ilustrações
Malena Kilduff de Santi e Christina
Barcellos

Fotos
Pe. Lauro Palú, arquivo família Pe. Lauro
Palú, arquivo CSVP, Alline de Paula,
Christina Barcellos, Rosa Lima, School
Picture, Karine Mara de Lima, arquivo
Roberto Vianna, arquivo Iamni Jaquer,
arquivo Nira Kaufman, arquivo Luis Gai

Jornalista Responsável
Rosa Lima - Mtb: 18640/RJ

DIRETORIA DA APM

Diretor Eclesiástico
Pe. Agnaldo Aparecido de Paula

**Diretora Representante dos
Professores**
Daniela de Carvalho Cordeiro

Diretora Presidente
Adryana Dantas Furtado

Diretora Vice-Presidente
Yajaida Maria Rodríguez Maia

Diretora Secretária
Sacha Mófrea Leite

Diretora Tesoureira
Maria Carolina Meyer Menezes

Diretora Social
Christ Azevedo Taylor

Conselho Fiscal
Vania Etinger de Araujo
Sue Wolter Vianna
Andrea Couri Vieira Marques

Suplentes
Juliana de Mello Ribeiro Freeland
Tatiana Mesquita Rosenthal
Patrícia Zendron

Secretário da APM
Edevino Panizzi

Rua Cosme Velho, 241
Cosme Velho - Rio de Janeiro
RJ - CEP 22241-125
Tel. (21) 3235-2900
revistachama@csvp.g12.br

2 **CAPA**
CRESCER A CULTURA DA
SUSTENTABILIDADE

7 **SEGURANÇA DIGITAL**
COLÉGIO TEM ENCARREGADO
DE PROTEÇÃO DE DADOS

8 **ENSINO MÉDIO**
COMO SÃO OS ITINERÁRIOS
FORMATIVOS NO CSVP

10 **ELEIÇÕES NA APM**
ENTREVISTAS COM QUEM
CHEGA E COM QUEM SAI

14 **HOMENAGEM**
POEMAS DE PE. LAURO
GANHAM PUBLICAÇÃO

16 **FALA, PROFESSORA**
O TRABALHO INOVADOR
DE IAMNI JAGUER

18 **TRANSFORMADOR
SOCIAL**
ROBERTO VIANNA E A LUTA
PELA SUSTENTABILIDADE

20 **GRÊMIO**
NOVO ESTATUTO PARA
UM NOVO TEMPO

21 **DIVERSIDADE**
MAIS FRATERNIDADE,
MAIS INCLUSÃO

22 **NOTAS**

24 **RESENHA**
RÁPIDO E DEVAGAR: DUAS
FORMAS DE PENSAR, DE
DANIEL KAHNEMAN

QUERIDA COMUNIDADE VICENTINA,

Sustentabilidade é um caminho...um conceito, uma estratégia, são práticas. A palavra sustentabilidade deriva do latim sustentare, que significa sustentar, conservar, cuidar.

Estamos vivenciando mudanças rápidas de hábitos, um processo educacional, coletivo. Uma estratégia para podermos co-habitar o planeta respeitando a biodiversidade que evoluiu até aqui conosco, e ter recursos suficientes para todos. Mas esse é um caminho...

Caminho que o Colégio São Vicente sempre trilhou. São inúmeras iniciativas e agentes de transformação social formados por aqui atuando no rumo da sustentabilidade, mas uma iniciativa de 1973 de que já falamos neste espaço, o reflorestamento do fragmento de mata atlântica atrás do colégio, hoje ajuda a alimentar as abelhas nativas sem ferrão que formam o novo meliponário do colégio. Da mesma forma, a horta pedagógica e orgânica, com reaproveitamento da água de chuva, que estamos entregando à comunidade vicentina, cumprirá este papel educacional de sensibilização e entendimento de nossa interdependência de recursos e respeito à natureza. Somos um uno.

O Colégio São Vicente, com sua educação libertadora, promove um terreno fértil de escolhas para seus jovens e sempre foi assim, dizem. Deixo a APM e seguem meus filhos no colégio. Quem nos trouxe a ele foi também Padre Lauro que, naturalista, fotógrafo e poeta nato, nos encantou para a possibilidade de um espaço de conhecimento progressista, mais inclusivo e questionador do status quo...pré-requisito para avaliarmos sempre se o caminho ainda nos leva ao melhor destino. Deixou imensa saudade, coletiva!

Alline Figueira de Paula



*"...Vamos precisar de todo mundo
Pra banir do mundo a opressão
Para construir a vida nova
Vamos precisar de muito amor..."
Beto Guedes*



EM DEFESA DA VIDA

Hortaviça e meliponário vêm se somar a outras ações e projetos, fortalecendo a cultura da sustentabilidade na escola

A diretoria da Associação de Pais e Mestres que se despediu em março deixou dois presentes valiosos para o colégio: uma horta orgânica e um pequeno meliponário, para serem utilizados pela equipe pedagógica como instrumento de sensibilização ambiental da comunidade escolar.

A nova horta, um verdadeiro “telhado verde” no prédio 2, onde funciona o almoxarifado, aproveitou um espaço antes ocioso para abrigar canteiros com hortaliças, temperos, ervas medicinais, flores comestíveis e PANCs - plantas alimentícias não convencionais. A ideia é manter no local uma horta orgânica e sustentável, plantada e mantida pelas alunas e alunos do São Vicente sem a utilização de nenhum aditivo químico em seu cultivo e aproveitando tanto a incidência de sol no local quanto a água da chuva para a sua rega.

Para isso, o telhado do prédio escolhido para abrigá-la precisou passar por um reforço estrutural, com nova manta e revestimento, e pela instalação de um sistema de captação e retenção de água pluvial, que poderá ser usada também para lavagem de pátios.

Batizada de *Hortaviça*, nome escolhido pelas próprias famílias em enquete realizada via Classapp, a nova horta é um espaço privilegiado para que estudantes e professores possam trabalhar conceitos de ecologia e alimentação saudável na prática.

“A ideia da horta nasceu de uma percepção nossa de que a maioria das crianças e jovens do colégio, apesar de já familiarizados com ideias de sustentabilidade, tem pouco contato direto com a terra. Muitos nunca viram uma minhoca e desconhecem as hortaliças

que comem. A horta, além de fornecer alimentos saudáveis que podem ser usados na escola, distribuídos aos alunos ou doados às comunidades vizinhas, vai promover esse contato pedagógico com o cultivo de orgânicos e tudo o que gira em torno dele”, disse a ex-presidente da APM, Alline Figueira de Paula.

Tem abelha na escola

Já o objetivo do meliponário é ajudar a difundir na escola o conhecimento das abelhas sem ferrão, que são nativas do Brasil, não picam, produzem diversos tipos de mel e têm um papel importante na conservação da natureza. Facilmente encontradas no pátio, essas abelhinhas são responsáveis pela polinização que garante a manutenção da mata atrás do colégio, por exemplo. A APM doou para o CSVP três caixas com colônias de diferentes espécies delas: a jataí, a mirim e a mandaçaia, colocadas sob um telhado protetor, ao lado do estacionamento onde antes paravam as motos.

“São caixas didáticas que imitam os troncos de árvores, com um vidro protetor na frente, através do qual as crianças conseguem ver de perto as colônias de abelhas e observar seu modo de vida, sua organização social e vários outros aspectos que podem ser abordados dentro do conteúdo programático do colégio”, explica Alline, que é doutora em biologia, pesquisadora no Jardim Botânico e consultora científica do projeto *Tem abelha sem ferrão na escola*.

Cada caixinha tem uma placa de identificação, de acrílico, trazendo o nome científico e o desenho da abelha, além de um código QR que remete à ficha com informações básicas sobre ela: tamanho, onde ela é encontrada e alguma característica peculiar.

Antes mesmo da inauguração do meliponário, um folheto com informações sobre as abelhas sem ferrão foi enviado aos estudantes para compartilhar e curtir com as famílias, atizando a curiosidade de todos para o projeto. E os coordenadores e professores já estão mobilizados para transformar tanto o meliponário quanto a horta em espaços pedagógicos.

“Na reunião de formação permanente, realizada no final de março, a APM apresentou os novos espaços aos professores, que agora estão com a incumbência de elaborar propostas de trabalho em consonância com o planejamento que eles vêm desenvolvendo em suas disciplinas”, disse o coordenador acadêmico do São Vicente, André Chaves Marques.

Oficina de sustentabilidade

As duas iniciativas vêm se somar a outras ações e projetos voltados para a área de sustentabilidade no colégio. Os alunos do 1º e do 2º ano do Ensino Médio, por exemplo, têm à disposição uma oficina inteiramente dedicada ao tema, dentro do projeto antes conhecido como Extensão do EM e que hoje se chama OCA – Oficina do Conhecimento Ampliado.

A cargo do geógrafo Antônio Fernando Amaral, ou simplesmente Tônico, a oficina tem como objetivo apresentar uma oportunidade de os estudantes viverem uma vida mais integrada com o meio ambiente, de se verem como parte integrante de um sistema, e não simplesmente como aqueles que têm o ambiente a seu serviço.

“ESTAMOS TRABALHANDO NUM NOVO PLANEJAMENTO ESTRATÉGICO QUE TEM A SUSTENTABILIDADE COMO UMA DE SUAS LINHAS DE AÇÃO”.

ANDRÉ CHAVES, COORDENADOR ACADÊMICO



No alto, os canteiros no telhado prontos para a montagem da Hortaviça e uma das três casas de abelhas do Meliponário.

Na página ao lado, a abelha sem ferrão no processo de polinização e o inspetor Gil ajudando as crianças da T204 a encher seus regadores

“TUDO O QUE FAZEMOS INFLUENCIA POSITIVA OU NEGATIVAMENTE OUTROS SERES, NÃO APENAS HUMANOS, MAS TAMBÉM ANIMAIS, VEGETAIS E ATÉ MESMO MINERAIS.”

TONICO AMARAL, PROFESSOR DA OFICINA DE SUSTENTABILIDADE DO EM

“Queremos ajudá-los a ter consciência de que tudo o que fazemos vai influenciar positivamente ou negativamente outros seres, não apenas os humanos, mas os animais, os vegetais e até mesmo os minerais”, afirmou Tonico.

Trabalhando em cima dos conceitos dos cinco “Rs” da sustentabilidade (veja quadro), os encontros da oficina são teóricos e práticos, e têm a mata atrás do colégio como uma espécie de apêndice da sala de aula. Neste semestre, as turmas estão montando uma composteira vegetal,

colocando numa grande caixa de madeira (que seria descartada) folhas secas e também cascas de frutas e legumes que serão transformados em solo vegetal.

Os alunos também estão envolvidos no plantio de bromélias, orquídeas, árvores frutíferas e as chamadas plantas forrageiras, como o ora pro nobis, que, segundo Tonico, garantem a renovação da mata. “Nosso projeto atual é manter consolidada a floresta e fazer a reprodução de uma determinada espécie. Plantamos agora a palmeira juçara, espécie de palmito que só dá na Mata Atlântica, hoje classificada como extinta, mas fundamental na garantia da cadeia alimentar”, disse o professor.

Povos originários

Quem também está dando os primeiros passos pelas trilhas da sustentabilidade são as crianças do ciclo de alfabetização, que compreende as turmas do 1º ao 3º ano do Fundamental. No desenvolvimento do projeto antirracista para o segmento, surgiu a ideia de se cultivar uma horta junto com os pequenos como um meio de se tratar da relação com os povos originários do Brasil.

A horta nos remete à terra e à sua generosidade em nos oferecer os alimentos e garantir a sobrevivência. Também é uma forma de conexão com os saberes dos povos originários e com uma forma sustentável de viver.



Na página ao lado, a caixa d'água do sistema de coleta de chuva. À esquerda, o professor Tonico com alunas da Oficina de Sustentabilidade trabalhando na mata e, acima, aluna do 2º ano EF regando a horta das crianças

A EDUCAÇÃO AMBIENTAL É A CHAVE DO FUTURO

Por muito tempo, pensar em meio ambiente pareceu algo distante. Nós aqui, em centros urbanos, asfalto e prédios, e o ambiente lá, na natureza, parques e florestas. Mas com as grandes contradições das mudanças climáticas, fica cada vez mais evidente e urgente entender que não existe “aqui e lá”. Somos um sistema integrado, e a degradação ambiental afeta nossas casas, a comida no nosso prato, nossa capacidade de ir e vir e até mesmo nossa possibilidade de seguir existindo.

Por isso, a educação ambiental é a chave do futuro. De existir um futuro, digamos assim. Se não agirmos, o quadro é crítico: as projeções apontam que até o fim do século o aquecimento global atingirá mais de 3°C. E ainda que façamos uma mudança revolucionária na sociedade, a situação segue sendo grave.

O futuro próximo aponta para enchentes cada vez mais severas, secas, escassez de água potável e alimentos, e cada vez mais epidemias em nível global. Entendemos as causas e consequências dessa crise é o primeiro passo para traçar estratégias de contenção de danos e de transformação da realidade. Isso é educação ambiental. Trata-se de um novo olhar sobre o meio em que vivemos, de forma interdisciplinar e crítica.

O meio ambiente é um sistema social, afetado pela industrialização que enriquece uma minoria, mas cujos efeitos da crise se produzem de forma devastadora sobre os mais pobres. O meio ambiente é um sistema geo-histórico, que passou por mudanças bruscas nunca antes percebidas em razão da ação do ser humano e do nosso modo moderno de viver e produzir.

As desigualdades sociais já existentes são agudizadas pelos impactos ambientais das atividades produtivas e das mudanças climáticas. O nome disso é injustiça ambiental. Em nome da acumulação de capital milhares de indústrias poluem

ecossistemas pelo mundo e lançam milhões de toneladas de gases de efeito estufa (GEE) na atmosfera. As petrolíferas retiram o petróleo do interior do planeta e o colocam à disposição para carros, navios e aviões, também emitindo GEE.

O modo de vida das pessoas mais ricas dos países ricos demanda muita energia, muito consumo e gera muito resíduo. Se cada ser humano vivo tivesse os hábitos de um cidadão médio estadunidense nós precisaríamos de pelo menos cinco planetas Terra. A notícia ruim é que só temos esse. Já as pessoas mais pobres dos países pobres respondem por quantidades irrisórias de emissão de GEE e seu modo de vida impacta muito pouco nos ecossistemas, mas são elas as mais afetadas e mais vulnerabilizadas pela crise ambiental e pela crise climática.

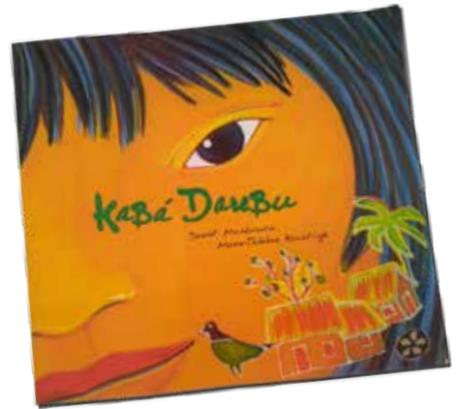
No Brasil, pelo nosso histórico de escravidão baseada no racismo, a população mais pobre é majoritariamente preta e mora em locais com pouca ou nenhuma infraestrutura urbana.

Nas cidades montanhosas, como o Rio de Janeiro, essas pessoas ocupam áreas de encostas suscetíveis a deslizamentos. É por isso que denominamos racismo ambiental os impactos que afetam de maneira desigual pessoas pretas e pobres.

Mas, diante disso, o que fazer? A escola precisa ser um espaço de debate crítico e de multiplicação e ampliação das vozes em defesa do meio ambiente, da justiça socioambiental e contra as desigualdades. Inserir os estudantes nos espaços e meios de cobrança cidadã, promover debates, passeios e trazer a perspectiva da crise climática e ambiental para dentro da escola. A partir daí, a transformação certamente se dará para muito além do espaço escolar.

Flávio Serafini

Sociólogo e professor-pesquisador da Fiocruz, hoje deputado estadual pelo PSOL



A ideia inicial era construir um canteiro na área externa das turmas do integral. Mas o espaço já estava reservado para receber a caixa d'água do sistema de coleta de chuva. Padre Agnaldo, então, sugeriu reutilizar (!) uns vasos de cimento que estavam ociosos e, assim, o projeto da horta foi posto de pé sem precisar quebrar o chão, gastar tijolo, cimento ou mudar a caixa d'água de lugar.

Hoje, na horta do Fundamental tem inhame, batata doce, cúrcuma, maracujá, boldo, capim limão, erva cidreira...tudo plantado pelos pequenos com a ajuda dos colegas mais velhos da Oficina de Sustentabilidade. Dessa forma, o que seria apenas uma hortinha num quadradinho se expandiu. Trabalhar a terra para plantar possibilita às crianças estabelecerem uma relação com elas próprias e com a vida.

Tonico acredita que esses projetos, hoje isolados, são sementes de uma política sistêmica de sustentabilidade a ser desenvolvida no São Vicente. E é mesmo nessa trilha que caminha o colégio. "Estamos agora, a nível de diretoria, trabalhando num novo planejamento estratégico que tem a sustentabilidade como uma de suas linhas de ação, e que vai reunir todos esses projetos em um grande guarda-chuva, para que tenham continuidade e uma direção única ligada aos princípios da instituição", disse André Chaves. Assim seja!



No alto, um dos livros adotados no primeiro segmento do EF sobre os povos originários. Embaixo, o pé de maracujá crescendo, e as crianças plantando e regando a horta do Fundamental

OS 5 RS DA SUSTENTABILIDADE

- 1 REFLETIR**
É preciso meditar: quem somos, o que estamos fazendo, como isso afeta o outro? Sair do piloto automático, agir com consciência;
- 2 RECUSAR**
Se você sabe que determinada prática é prejudicial a outro ser, o melhor a fazer é recusá-la;
- 3 REDUZIR**
Quando não for possível recusar algo que afeta outro ser, tente ao máximo reduzir seu uso;
- 4 REUTILIZAR**
O que você não conseguir recusar, pode ao menos tentar reutilizar;
- 5 RECICLAR**
Por fim, o que não der para reutilizar ou ressignificar, tente reciclar.

DPO NO CSVP? DO QUE SE TRATA?

O colégio agora tem um DPO, sigla em inglês para Data Protection Officer, que em bom português significa Encarregado de Proteção de Dados. Seu nome é André Moreira, profissional responsável por garantir a privacidade dos dados pessoais de todos os membros da comunidade da escola em conformidade com as exigências da LGPD, a Lei Geral de Proteção de Dados.

Aprovada em agosto de 2018, a LGPD garante a proteção dos dados pessoais, que passou a fazer parte dos direitos fundamentais do cidadão, expressos no artigo 5º da Constituição Federal, dispondo que são invioláveis a intimidade, a vida privada, a honra e a imagem das pessoas, assegurado o direito a indenização pelo dano material ou moral decorrente de sua violação.

Na medida em que as escolas coletam muitas informações pessoais dos estudantes, responsáveis, funcionários e visitantes, a implementação da lei implica a necessidade de conferir todos os documentos arquivados e revisar ou elaborar uma Política de Privacidade no colégio. São documentos como contrato de matrícula, histórico de transferência, contrato de trabalho, dados sensíveis relacionados à saúde, questões educacionais, imagem e voz, entre outros, que precisam ser analisados e adequados à LGPD. A partir disso, os novos dados coletados e armazenados já devem passar a ser tratados de acordo com a lei, sendo necessário que todos os colaboradores

“RESPEITAR OS DADOS DE ALGUÉM É RESPEITAR A PRÓPRIA PESSOA, SUA IDENTIDADE E ATÉ MESMO SUA MEMÓRIA”

ANDRÉ MOREIRA

da escola estejam familiarizados com as novas normas, para evitar problemas.

“O DPO da escola é alguém que vai auxiliar nesse processo, vai apoiar as capacitações e a implantação de uma cultura digital positiva, que respeite o direito à privacidade de toda a comunidade escolar. A lei determina, por exemplo, que para usar os dados de uma criança ou adolescente, é preciso que haja o consentimento expresso dos pais para coletar e tratar esses dados”, explicou André Moreira.

Para isso, o primeiro passo foi fazer um diagnóstico e elaborar um inventário de todos os dados que a escola utiliza e das medidas necessárias à segurança desses dados. O passo seguinte é implementar a cultura da privacidade na escola e adotar medidas de segurança da informação que evitem vazamentos e compartilhamentos indevidos, preservando os ativos informacionais que a instituição possui, com medidas gerenciais, técnicas e educativas para esse fim.

“No dia a dia isso vai se traduzir no imperativo de se desenvolver uma cultura de cidadania digital, aprender a respeitar o espaço e o direito do outro. Os dados que identificam alguém são uma expressão da pessoa. Portanto, respeitar seus dados é respeitar a própria pessoa, sua identidade e até mesmo sua memória”, disse o DPO, acrescentando: “Precisamos compartilhar também com os responsáveis legais dos jovens a responsabilidade civil que eles têm caso esses adolescentes publiquem algo que fira a lei. Eles podem ser civilmente responsabilizados por isso. Então, é todo um trabalho de formação e de conscientização. A escola é uma comunidade educativa e seu papel também é o de ajudar a formar pessoas que saibam lidar melhor com o mundo digital”



ILUSTRAÇÃO MALENA KILDIFF DE SANTI - TIA

ITINERÁRIOS FORMATIVOS NO SV: INOVAÇÃO E SOLIDEZ

Medida do governo não afeta o novo currículo do segmento

Os problemas e críticas que motivaram a suspensão temporária do Novo Ensino Médio no país passam longe da realidade vivida no São Vicente. Implantado desde o início do ano passado, o novo currículo do segmento não representou nenhuma perda de conteúdo para os alunos do colégio. Os itinerários formativos do 1º e do 2º ano vieram se somar às Oficinas de Conhecimento Ampliado (OCA, antes Extensão) na temática inovadora e na forma diferenciada de trabalhar conteúdos interdisciplinares. Por conta disso, a medida do governo em nada afeta a nova composição curricular do Ensino Médio no colégio.

“No São Vicente, não houve nenhuma perda de conteúdo acadêmico com a adoção dos itinerários. As oficinas acontecem numa única manhã por semana, e todas as disciplinas de formação geral básica do modelo anterior (inclusive Filosofia, Sociologia, Educação Física e Artes) continuam a ser oferecidas normalmente. A única exceção é o Espanhol, que não faz parte do novo currículo porque somente o Inglês passou a ser língua estrangeira obrigatória no Enem”, explicou Fabiano Lins, da coordenação do Ensino Médio.

Em compensação, o currículo básico foi enriquecido com a adoção de duas trilhas pedagógicas à escolha dos alunos: Ciências da Natureza e Matemática e Ciências Humanas e Linguagens, cada uma delas com duas oficinas oferecidas por semestre (veja quadro), que permitem aos estudantes ter mais protagonismo e contato próximo com temas afins de áreas que pretendem seguir estudando.

Flexibilização

Com a introdução, em 2019, das Oficinas de Conhecimento Ampliado – Retórica e Storytelling (em Comunicação e Expressão), Política e Poder e Vulnerabilidade Juvenil (em

Introdução à Ciência Política) e Bioética e Sustentabilidade (em Ciência, Tecnologia e Sociedade), o colégio deu um primeiro passo em direção à flexibilização do currículo, dando aos jovens a opção de escolher três dentre as seis oficinas ofertadas às segundas e terças-feiras à tarde, uma de cada área.

A partir do ano passado, com a adoção dos itinerários formativos para as turmas de 1º ano do Ensino Médio, os alunos aumentaram sua autonomia, podendo escolher também a área que preferem trilhar.

“Os dois formatos – OCA e Itinerários – dialogam porque ambos trabalham com temáticas novas, metodologias diferenciadas e avaliação processual. E a gente faz isso em ambientes diversificados, como as salas fazendo arte, os laboratórios, a mata... Tudo com grande solidez acadêmica. Trata-se de um projeto muito robusto, que enriquece o universo dos estudantes e os qualifica a enfrentar melhor os desafios trazidos pelo tempo atual”, disse José Cláudio de Oliveira Reis, coordenador da OCA.

Para a professora Iamni Jager, responsável pela oficina de Vulnerabilidade Juvenil e pela trilha de Engenharia Genética, a crítica que se faz aos itinerários formativos e que levaram à suspensão da implantação do Novo Ensino Médio por parte do governo federal tem a ver com o que está sendo vivido pela rede pública de ensino. “Em muitas redes, os alunos tiveram disciplinas eliminadas do currículo ou perderam carga horária das matérias básicas, trocadas por trilhas que nem sempre fazem sentido, com professores que não foram preparados para elas. Não é o que acontece aqui”, afirmou Iamni, que também atua como professora da rede pública.

“Acho que a gente tem muita sorte de estar numa escola como o São Vicente em que os itinerários não afetaram as outras disciplinas, mas eu discordo do Novo Ensino Médio em geral, principalmente na forma em que está sendo aplicado nas escolas públicas. O itinerário que a gente está tendo é interessante, mas não acho necessário. Talvez fosse mais útil ter mais matérias como Filosofia e Sociologia, por exemplo. Também me incomoda ter apenas dois itinerários para escolher. Quem quer fazer Artes, por exemplo, não tem opção”, disse a aluna Kay Alvito, da turma 2B, que está seguindo a trilha de Ciências Humanas e Linguagens.

Seu colega de turma Fernando José Pinheiro Schiavo Jr. concorda: “Eu quero fazer Direito, mas essa decisão só veio no final do ano passado. Escolhi a trilha de exatas muito por conta das oficinas de Educação Financeira e Mudanças Climáticas que achei interessantes. Mesmo não tendo a ver com a carreira que eu pretendo seguir, acho que enriquece. O São Vicente está bem, estamos tendo todas as matérias, mas também não gosto da ideia do Novo Ensino Médio, principalmente porque acho muito cedo para fazer essa escolha de itinerário. Eu mesmo mudei no meio do caminho”, argumentou.

Na página ao lado, o professor Fabiano Lins entre os alunos do 1º ano EM Kay Alvito e Fernando José Schiavo



“NO SÃO VICENTE, NÃO HOUE NENHUMA PERDA DE CONTEÚDO ACADÊMICO COM A ADOÇÃO DOS ITINERÁRIOS”.

FABIANO LINS, DA COORDENAÇÃO DO EM

AS TRILHAS E OS PROJETOS

CIÊNCIAS HUMANAS E LINGUAGENS

1º ANO

LITERATURA E PERIFERIAS

Prof. Maurício Krause

O objetivo do projeto é pensar a literatura brasileira contemporânea para além das fronteiras do livro publicado por grandes editoras, trazendo outras vozes e corpos que percorrem diferentes espaços sociais.

RAÇA, GÊNERO E CLASSE

Prof. Isaura Castro

Dentro dessa trilha, o projeto trabalhado é Racismo Ambiental, que tem por objetivo aprofundar conhecimentos referentes ao espaço, entendido como lugar de confrontos, de resistências e lutas dos movimentos sociais.

2º ANO

OLHARES SOBRE O MUNDO

Prof. Luiz Gauí

A ideia do projeto deste ano é pensar como os olhares sobre Brasil e ser brasileiro são construídos. A proposta é estudar de forma crítica os autores clássicos intérpretes do país, como Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda, dentre outros.

PRODUÇÃO CULTURAL E SOCIEDADE DO ESPETÁCULO

Prof. Raphael Kappa

O projeto tem por objetivo desenvolver uma criticidade para analisar conteúdos e trabalhar habilidades que ajudem a pensar a relação da condição humana com as tecnologias.

CIÊNCIAS DA NATUREZA E MATEMÁTICA

1º ANO

EMPREENDEDORISMO DE TRANSFORMAÇÃO SOCIAL

Prof. Rafael Szabó

São dois módulos, o primeiro de Educação Financeira, e o segundo, de Empreendedorismo. O objetivo da oficina é fazer com que os alunos entrem na fase adulta sabendo lidar com dinheiro de uma forma responsável e ética.

MUDANÇAS CLIMÁTICAS

Prof. Rodrigo Cunha

O projeto faz um paralelo do tema com o patrimônio gastronômico regional brasileiro. A ideia é analisar os impactos ambientais que as alterações do clima vêm trazendo aos alimentos de cada bioma.

2º ANO

BIOMATEMÁTICA

Prof. Raphael Lima

A trilha trabalha com a utilização de modelos matemáticos e estuda padrões para a resolução de problemas da vida real em várias áreas de atuação.

ENGENHARIA GENÉTICA

Prof. Iamni Jager

Esta trilha se propõe a apresentar as diferentes técnicas utilizadas pela engenharia genética e seus usos, a fim de propiciar a discussão ética destas práticas com base no conhecimento fundamentado da tecnologia.



UNINDO INTERESSES NA APM

A Associação de Pais e Mestres do Colégio São Vicente elegeu, na última semana de março, uma nova diretoria para o biênio 2023-2025. Cheia de disposição para trabalhar, a chapa vencedora – *Unindo Interesses* – tomou posse na noite de sábado 1º de abril, no evento de comemoração do aniversário de 64 anos do colégio.

Pela primeira vez em seis décadas, a APM tem uma diretoria formada exclusivamente por mulheres. No total, são 11 diretoras, mães de alunas e alunos dos três segmentos de ensino, incumbidas de levar adiante, como voluntárias, a missão da entidade criada no ano seguinte à fundação do CSVP: ser um elo entre as famílias e o colégio, com ações e projetos que ajudem a formar agentes de transformação social.

Nas páginas seguintes, Adryana Dantas e Yajaida Maia, respectivamente presidente e vice da nova diretoria, falam das ideias da chapa eleita para os próximos dois anos no comando da APM. Na sequência, a ex-presidente Alline Figueira de Paula e a ex-diretora tesoureira Maria Araújo Parreiras fazem um balanço dos desafios e legados da *Inspiração Vicentina*, diretoria que conduziu o leme da associação no último biênio, em meio aos mares bravios da pandemia de Covid.

ENTREVISTA: ADRYANA DANTAS E YAJAIDA MAIA CHAPA UNINDO INTERESSES

A nova diretoria da APM já começa fazendo história ao eleger uma chapa só de mulheres. Isso foi uma decisão deliberada? Como se deu o processo de formação da chapa?

Yajaida – O processo teve início mais atrás, comigo e com a Adryana chorando nossas pitangas sobre alguns descontentamentos com a escola, mas ainda sem ter em mente disputar a diretoria da APM. A Adryana começou a participar da associação mais de perto, ainda na gestão da Simone, me contava o que se conversava lá, e passamos a ser mais ativas na comunidade escolar, como mães apenas. Mas vimos que para conseguir ganhar mais força nessas demandas pelo coletivo, a gente precisava se revestir dessa legalidade.

Adryana – Eu comecei a participar das reuniões da associação ainda em 2017, quando a minha filha mais velha entrou no colégio. Além de contadora, eu sou pedagoga de formação e me interessei muito por esse universo da educação. Em 2019, um texto que foi para o site do

colégio falando de educação 4.0 provocou muita indignação e movimentação entre os alunos e responsáveis. Modernizar a educação é fundamental, mas nunca sem discutir o uso da tecnologia em salas de aula, seus impactos e, principalmente, sem perder a essência do colégio, seus valores e seu PPP. É compreensível que existam administradores mais acostumados com colégios cuja visão da educação esteja voltada para o mundo corporativo, mas essa não é a essência do São Vicente, nem é a educação que desejamos os responsáveis que procuram o colégio.

Nós nos unimos para tentar entender que caminho era esse que o São Vicente estava escolhendo trilhar e para ser a voz de quem nos procurava pedindo ajuda para resgatar a essência vicentina. Ano passado, eu e Yajaida voltamos a conversar e fomos pensando e convidando pessoas que tivessem afinidade com nossos interesses e nossa forma de pensar e agir. A questão de sermos 11 mulheres na chapa foi casual, mas está sendo excelente!

Quem são as integrantes da nova diretoria e de que segmento são seus filhos e filhas?

Adryana – Nós somos, na Diretoria, Adryana Dantas Furtado, presidente, 5º e 7º EF; Yajaida Maia, vice-presidente, 6º EF; Christ Taylor, diretora social, 2º EF; Maria Carolina Duque Estrada, diretora tesoureira, 2º EF; e Sacha Leite, diretora secretária, 2º e 5º EF. No Conselho Fiscal, as integrantes efetivas são Vania Etinger, EM; Andrea Vieira, 5º EF; e Sue Wolter, 7º EF. E as suplentes Juliana Freeland, 5º e EM; Patrícia Zendron, 5º, 6º e 9º EF; e Tatiana Rosenthal, 6º e 9º EF. Daniela Carvalho continua como representante dos professores e Panizzi nosso secretário e apoio fundamental.

O que motivou vocês a assumirem essa tarefa e que expectativas têm com relação a APM?

Adryana – Nossa motivação principal é garantir que as cinco políticas estabelecidas no Projeto Político-Pedagógico do São Vicente continuem norteando suas ações. E também inspirar, pelo exemplo, outros responsáveis a se engajarem nos projetos da APM e nos eventos que pretendemos fazer. Queremos, enfim, reavivar a essência vicentina que parece estar um tanto adormecida, talvez pela falta de tempo para pensar o futuro e planejar, diante de um mundo que nos atropela com informações, questionamentos e redes sociais e, também mobilizar os responsáveis para essa parceria com o colégio, pois precisamos, todos, sermos educadores de nossas crianças.

Que propostas específicas a nova diretoria traz para o próximo biênio?

Yajaida – Uma das nossas principais propostas é estreitar os laços da comunidade vicentina com a escola. Porque o São Vicente tem um grande problema que é a comunicação. O colégio se comunica mal com seu público e isso traz muito ruído para o diálogo. Nós, como pais, não sabemos de muita coisa que se passa no colégio, simplesmente porque não somos informados. Ano passado tivemos muitas reclamações nesse sentido. Então, uma das nossas

primeiras demandas junto à escola consistirá em tentar melhorar a escuta do colégio, fazendo-a mais acolhedora e com maior clareza.

Como vocês pretendem fazer isso?

Yajaida – Ocupando os espaços escolares, trazendo os responsáveis novamente para dentro do colégio, em reuniões, rodas de conversa e eventos que pretendemos organizar, fazendo pesquisas frequentes com eles, engajando os responsáveis de referência da APM e assim sucessivamente. Queremos também nos aproximar mais dos grêmios, dos professores e dos funcionários. Porque entendemos que juntos nós somos mais. Quanto mais pais puderem estar conosco, como APM, melhor serão a comunicação e o relacionamento com a escola.

“QUANTO MAIS PAIS PUDEREM ESTAR CONOSCO, MELHOR SERÁ O RELACIONAMENTO COM A ESCOLA.”

YAJAIDA MAIA

Vocês têm algum plano para o projeto de criação de um anfiteatro na mata, elaborado pela diretoria anterior a que saiu agora?

Adryana – Nós vamos revisitar e analisar bem esse projeto porque temos discutido muito sobre a implementação de projetos autossustentáveis. Nossa ideia é avaliar primeiramente se ele é viável, se existe orçamento para sua construção e também para a sua manutenção.

A Chama completa 50 anos no próximo mês de setembro. Como vocês vêem o papel da revista de fortalecer os vínculos entre a comunidade vicentina?

Adryana – Nós pretendemos repensar a estrutura da revista, sobretudo sua formatação, ampliando seu alcance, talvez voltando com sua impressão em maior quantidade e também acoplando a ela um Instagram ou algo assim. Teremos que analisar isso, avaliar custos, discutir distribuição etc. Queremos também repensar seus conteúdos porque se seu objetivo é ser um veículo de comunicação com a comunidade, a revista precisa falar mais do colégio, seus propósitos e projetos, valorizando suas conquistas e a de seus alunos. Pretendemos trazer os grêmios e os responsáveis para dentro da revista também, porque a gente sabe que muita gente não lê e nem conhece *A Chama*. Então, pretendemos escutar os responsáveis e repensar a revista para que ela possa cumprir efetivamente esse papel de fortalecimento dos vínculos entre a comunidade vicentina.

Na cerimônia de posse, oito representantes da nova diretoria da APM. Da esquerda para a direita: Adryana Furtado, Yajaida Maia, Juliana Freeland, Sacha Leite, Vânia Araújo, Andréa Marques, Sue Vianna, Christ Taylor e Daniela Cordeiro

ENTREVISTA: ALLINE FIGUEIRA DE PAULA E MARIA ARAÚJO PARREIRAS CHAPA INSPIRAÇÃO VICENTINA

Vocês assumiram a direção da APM em plena pandemia de Covid, quando o distanciamento social ainda se impunha. Como foi trabalhar nessas condições?

Alline - Nossa chapa se formou num período difícil para todos, onde muitos adoeceram, as pessoas precisaram se isolar e não havia como o colégio praticar vários de seus projetos. Justamente neste cenário, que exigiu grande empatia de todos, é que vimos a possibilidade, e mais que isso, a necessidade de estendermos as mãos, os braços e os corações a este trabalho voluntário e imensamente gratificante que é conduzir os projetos da Associação de Pais e Mestres do Colégio São Vicente de Paulo.

Maria - Como já tínhamos passado por um ano de pandemia, já havia um aprendizado acumulado de trabalho remoto, reuniões on-line etc. Mas é sempre um desafio assumir um novo trabalho, especialmente com as restrições impostas pela Covid. Então, tivemos que ser criativos como, por exemplo, com a organização de atividades culturais virtuais, como “o teatro vai à escola” e “concurso literário”.

Quais foram os principais desafios que vocês enfrentaram durante a gestão?

Maria - O principal desafio, a meu ver, foi conseguir avançar com todas as frentes de trabalho da APM com uma equipe reduzida, já que parte da diretoria que iniciou não pôde continuar.

Alline - Foram dois anos de incríveis desafios de uma gestão que assumiu a associação sem os estudantes no colégio, com a comunidade privada de encontros presenciais

“FORAM DOIS ANOS DE INCRÍVEIS DESAFIOS DE UMA GESTÃO QUE ASSUMIU A APM EM PLENA PANDEMIA.”

ALLINE FIGUEIRA DE PAULA

e muitos projetos sem as condições necessárias para execução devido à pandemia que enfrentamos. Mesmo assim, topamos o trabalho voluntário e com o apoio de todos e junto com o colégio, demos início à organização dos responsáveis de referência, apoiamos os projetos de corais e teatro em ações virtuais, realizamos um lindo concurso literário, fizemos campanhas solidárias, seguimos com os projetos de Camisas do Bem, a revista *A Chama*, a Ciranda de Livros, as rodas de conversa e todos os projetos e ações que foram possíveis organizar de modo virtual.

Das propostas originais da chapa, quais vingaram e quais não e por quê?

Maria - As atividades culturais, como as citadas anteriormente, além do apoio ao teatro e aos corais, foram realizadas com sucesso. Atividades beneficentes, como campanhas de arrecadação de alimentos e brinquedos, também tiveram importante papel em um contexto de pandemia. Entretanto, a comunicação com os responsáveis, apesar de ter acontecido e desempenhado importante papel (como no diálogo a respeito da plataforma Geekie e na substituição das carteiras do Fundamental II), não ocorreu com a regularidade desejada.

Alline - Executamos praticamente tudo o que propusemos, inclusive rodas de conversa e debates, mas estas são atividades que, essencialmente, ganham outra forma e magnitude quando são realizadas com a presença física das pessoas. Em parte destas atividades, mesmo com toda nossa divulgação, dos responsáveis e da Coordenação Comunitária do colégio, o quórum foi baixo; às vezes incipiente. O que nos fez repensar o formato e o momento, ouvir o aconselhamento do colégio para que a APM aguardasse o retorno presencial para efetiva participação da comunidade. As vivências externas, feiras culturais (sa-raus, cineclube) e gincanas educativas e esportivas não puderam ocorrer devido à pandemia. No entanto, estes eventos são característicos do CSVP e sabemos que o colégio estará sempre disposto a oferecer.

Vocês não tiveram interesse em implementar o projeto do anfiteatro na mata? Por quê?

Maria - Em primeiro lugar, por entendermos que num contexto de pandemia esse projeto não deveria ser priorizado. Assim, o orçamento da APM pôde ser destinado para campanhas direcionadas a apoio a campanhas e instituições que atendem a um público mais vulnerável, num contexto de crise, além de alunos bolsistas.

Alline - O projeto do anfiteatro é interessante, mas nos deparamos com uma questão de legalidade ambiental. A Mata Atlântica atrás do Colégio São Vicente, além de ser um corredor ecológico, é zona de amortecimento do Parque Nacional da Tijuca. Seu reflorestamento, com espécies nativas, foi pioneiro em zona urbana, em 1973, realizado por professores e alunos do Ensino Médio do colégio. A avaliação (um estudo técnico) realizada ainda na gestão anterior por especialistas do Jardim Botânico do Rio de Janeiro demonstrou que a vegetação dessa mata encontra-se em estágio avançado de recuperação, o que legalmente impede sua derrubada. Nossa diretoria avaliou que a mata é um patrimônio do Colégio São Vicente de Paulo e sua vocação é estar em pé: fornecendo sombra, colaborando para o microclima, retendo água no solo, contribuindo com alimento e abrigo para os animais, incluindo os polinizadores da região e servindo como um laboratório incrível – vivo- ao alcance de alunos e professores.

Com relação à revista *A Chama*, esta gestão inovou bastante, em termos de participação da comunidade escolar, e



apostou na sua versão digital. Que avaliação vocês fazem dessa decisão e como vêem o papel da revista na missão do CSVP?

Alline - A revista *A Chama* é um privilégio da comunidade vicentina por seus conteúdos, editoração e compartilhamento da rotina, princípios e propostas do CSVP. Fizemos novas colunas e convidamos a comunidade a participar ativamente na redação de artigos, ideias de textos e diversas outras contribuições. Ponto alto das últimas edições também foram as ilustrações de estudantes na capa, um material gráfico primoroso e muito elogiado.

Em relação à distribuição da revista, durante a pandemia, com o colégio fechado, a nossa diretoria assumiu a não imprimir os novos exemplares, além dos distribuídos aos colaboradores e à Província, sendo sua distribuição hoje em modo digital, não por nossa escolha. No entanto, a revista traz muitas informações atuais e relevantes sobre as atividades e propostas do colégio e a sua impressão faz muita falta para o acompanhamento dos responsáveis.

Maria - O foco no digital também está relacionado ao contexto da pandemia e pode ser revisto pela futura gestão, com apoio de pesquisa/enquete junto à comunidade escolar. O maior envolvimento da comunidade e a inclusão de temáticas de inclusão e diversidade estão relacionados ao fortalecimento do papel da revista na missão do CSVP

de formar agentes de transformação social e de ser um importante registro da memória da instituição.

Quais foram, na avaliação de vocês, as principais contribuições dessa diretoria e que legado vocês deixam para a próxima?

Maria - Os projetos “Tem abelha na escola” e “Horta pedagógica” são importantes legados que estão sendo deixados para a comunidade escolar, que deverão contribuir para o Projeto Político-Pedagógico do colégio e, conseqüentemente, para a formação de cidadãos mais conscientes.

Alline - Retomadas as atividades e circulação no colégio, nossos esforços foram voltados para esses dois importantes projetos que deixamos como legado: um pequeno meliponário, com as abelhas nativas sem ferrão que já eram moradoras da área, como um projeto pedagógico de sensibilização ambiental, ecologia, sustentabilidade e cidadania, e uma horta orgânica pedagógica construída como um telhado verde que estará disponível para os estudantes e professores trabalharem conceitos e práticas de reciclagem, reuso e alimentação saudável.

Torcemos para que a nova diretoria, com a normalidade do retorno presencial dos estudantes e a vida ativa dentro do colégio, tenha muito sucesso e engajamento nos projetos!

Alline com sua filha Helena e Maria com a filha Clara.

PADRE LAURO, POETA

Livro póstumo vai reunir a vasta obra poética do ex-diretor do colégio, que foi também um fotógrafo prolífico e sensível

Amigo próximo e um dos organizadores do livro *Poemas Reunidos de Padre Lauro Palú C.M.*, o hoje psicólogo e psicanalista José Eduardo de Souza, o Zeduh, conviveu com o ex-diretor do São Vicente nos mais de 20 anos em que atuou como professor de Ensino Religioso e coordenador da Pastoral. E o acompanhou de perto até sua morte, em abril último. “Nossa relação foi de envolvimento, amadurecimento e boas trocas. Chegamos a um ponto em que um simples olhar bastava para que entendêssemos um ao outro”, conta.

Dois anos atrás, em visita ao amigo, junto com a esposa, Sílvia, Zeduh ouviu Padre Lauro manifestar o desejo de publicar sua obra poética, ainda dispersa e inédita. Era um material imenso, composto de mais de 800 poemas, haikais, contos breves e textos em prosa, além de um grande número de fotografias. Já doente e sem condições de arcar com a tarefa sozinho, o padre aceitou então a oferta do casal para organizar o material, o que foi feito com a ajuda de seu irmão, Arthur Palú, professor de Português, e também do padre Sebastião, da Casa de Dom Viçoso, e do padre Luiz, que o acompanhava intensamente no Caraça, antes de ele passar a residir em Belo Horizonte para se tratar.

Em encontros de fins de semana, o grupo se reunia ao redor do Padre Lauro, que comandava o trabalho. “Ele e o irmão, que também tem livros publicados, ficavam em

embates memoráveis, discutindo longamente cada detalhe da revisão, um dizendo: ‘aqui você não entendeu, leia de novo’, e o outro: ‘quem não entendeu foi você, veja’... Assim ia, e a gente só ficava de longe rindo dos dois, era ótimo”, lembra Zeduh.

O projeto manteve Padre Lauro ativo e alegre até o fim. “É muito gostoso estarmos aqui reunidos”, dizia sempre, enquanto trabalhava com os amigos. E, antes de partir (e ser enterrado no Caraça, como sempre desejou), deixou todo o material selecionado, organizado e corrigido, pronto para publicação.

A edição do livro *Poemas Reunidos de Padre Lauro Palú C.M.*, que contará também com alguns registros fotográficos seus, está em fase final de detalhamento, para ser lançado em setembro, mês de seu aniversário de ordenação presbiterial. A ideia é fazer vendas antecipadas do livro para ajudar a bancar os custos de publicação. Uma conta bancária já foi criada para este fim pelos organi-

zadores do projeto e um número de telefone já está à disposição dos interessados em participar (21 97674-2684).

“É uma obra filosoficamente bastante transcendente e com uma estética poética de muita raridade, onde para se perceber o que está se passando naquele contexto, temos que observar muito, nos despir da nossa racionalidade e entender o que ela representa”, disse Zeduh, complementando: “Ela é a continuidade da vida do Padre Lauro, uma continuidade que se dá pelo encontro. ‘É preciso o encontro’, ele ensinava. A ideia de podermos nos revigorar com esta obra está dentro da perspectiva de que a vida continua e que o encontro vale a pena”, concluiu.



FOTO KARINE MARIA DE LIMA

Acima, Zeduh, com o enteado, Pedro, e a esposa, Sílvia, em visita ao Caraça. Na página ao lado, fotos do Santuário e da taturana no tronco, tiradas por Pe. Lauro, e registro dele alimentando os passarinhos, em foto do acervo da família.



NESTA CASA

Nascer, viver e morrer na mesma casa – é o desejo de um poeta sonhador.

Pois nesta casa nasci, vivi meus anos felizes e sempre morei aqui.

Fui jogado pela vida de cá pra lá; mas de fato nunca saí deste espaço.

Aqui eu sonho, aqui venho cada vez que sou feliz, cada vez que me acontecem,

inesperadas e boas as coisas lindas que a vida me reservou por bondade.

E espero morrer aqui, mesmo que o corpo coitado caia num outro lugar.

Tragam para cá meus olhos, deixem aqui minhas mãos, plantem meus pés neste chão.

E sentirão como aos poucos irá voltar a bater meu coração, encantado.

Rio de Janeiro, 10 de setembro de 2005



A TATURANA

A taturana que sobe palmo a palmo o tronco reto não sabe do passarinho que está cantando no galho e já viu a taturana que sonha ser borboleta...

O passarinho que canta não sabe do caçador que já viu o passarinho.

O caçador silencioso também não sabe da morte

que já viu o caçador que já viu o passarinho

que já viu a taturana que não viu nada e que sonha transformar-se em borboleta

naquele galho mais alto para onde está subindo.

Rio de Janeiro, 10 de setembro de 2005

OS PASSARINHOS

Quando Deus criava o mundo num belo instante inventou uma coisa parecida com o canto dos passarinhos.

Mas no mundo até então não havia passarinhos.

E Deus pensou: “Este canto a quem vou dar, tão bonito?” Olhou a zebra e pensou: “Vai ficar meio esquisito...”

Depois olhou o hipopótamo e achou: “Meio desconforme...” Olhou o grilo e pensou: “Meio grande para o grilo”.

E Deus com o canto nas mãos sem saber onde pousar.

Nisso caiu uma folha, Deus pensou num bicho novo... E Deus disse: “Ah! Que ideia mais maneirinha que tive!”

E então depois foi criando os canários, os gaviões, as garças, as viuvinhas e as araras mais vermelhas.

Dá impressão que continua inventando ainda hoje.

Mas tão depressa fazia que às vezes se embaralhava. Criava um pássaro verde e dava um canto gritado.

Foi depois dos papagaios que Deus criou o sabiá. Viu-se logo que Deus tinha adquirido experiência...

E o que sobrou desses cantos Deus o deu para os poetas.

Rio de Janeiro, 2 de maio de 2005
Rio de Janeiro, 10 de setembro de 2005

A segunda data refere-se à revisão posterior do poema



TRÊS PERGUNTAS PARA: IAMNI JAGER



No alto, Yamni na cerimônia de premiação na Câmara Municipal; abaixo, com a vereadora Mônica Benício; à direita, em sala com os alunos do EM; acima, com o grupo de profissionais na Escola Prisional; e ao lado, com os filhos em uma manifestação pelo direito à educação pública de qualidade

No final de março, mês da mulher, a professora Yamni Jager foi homenageada na Câmara Municipal por conta de seu trabalho inovador num presídio feminino do Rio. Formada em Biologia pela Universidade Estácio de Sá, onde foi bolsista Prouni, Pós-Graduada em Orientação Educacional pela Uerj, Mestre em Ciência, Tecnologia e Educação pelo Cefet-RJ e doutoranda nesse mesmo programa, Yamni atua como professora da Educação Básica nas redes pública e privada, com turmas de Ensino Médio e da Educação de Jovens e Adultos. No São Vicente, ela é responsável pela Oficina de Vulnerabilidade Juvenil (OCA) e integrante da trilha de Engenharia Genética do Ensino Médio. “Sou do subúrbio do Rio de Janeiro e fiz toda a educação básica na escola pública, conciliei trabalho e maternidade desde muito cedo, bem como a atuação em movimentos sociais. Acredito que essas questões também sejam uma marca na minha formação e trajetória profissional”, diz. Fala, professora Yamni!

1 Você foi homenageada pela vereadora Mônica Benício como uma das mulheres que inspiram e fazem a diferença na cidade. O que motivou a homenagem e o que ela representou para você?

Sim! Foi uma linda surpresa! A motivação principal para essa homenagem veio da minha atuação como professora de Biologia num presídio feminino do Rio. Atuei lá por seis anos e desenvolvi minha dissertação de mestrado, onde trabalhei com as alunas questões de gênero na produção do conhecimento científico, a partir de temas do currículo formal de Biologia, como a botânica e a ecologia. Essa pesquisa foi muito importante na minha formação e culminou na publicação de três artigos, sendo um deles capítulo de um livro internacional sobre ensino de ciências. É muito gratificante ter o nosso trabalho reconhecido, apesar de considerar que a minha atuação como professora foi absolutamente comum. Nas escolas prisionais temos profissionais incríveis, e vejo a homenagem ao meu trabalho como uma forma de reconhecer a atuação e a importância de todos esses profissionais da educação e de dar visibilidade para a situação das mulheres em privação de liberdade.

“É IMPORTANTE TER EM MENTE QUE CIÊNCIA E SOCIEDADE PRECISAM SER ENTENDIDAS EM SUAS COMPLEXAS INTERRELAÇÕES CULTURAIS.”

2 No Colégio São Vicente, você está à frente da Oficina de Vulnerabilidade Juvenil e na trilha Engenharia Genética. Como é trabalhar em duas áreas tão diferentes?

É muito interessante atuar nestes dois espaços, e a pergunta que os alunos fazem sempre é: “mas Yamni, como assim você dá aulas de exatas e de humanas?”. E eu adoro esse questionamento, justamente porque trago para eles que as duas coisas são indissociáveis e que, independente da carreira que escolherem seguir, é importante ter em mente que ciência e sociedade precisam ser entendidas em suas complexas interrelações culturais. Acredito que, apesar de serem temáticas bem diferentes, consigo trazer para eles toda essa minha bagagem profissional, que está situada principalmente na minha jornada acadêmica, mas também na minha atuação comunitária e na minha existência enquanto mulher, mãe e pesquisadora.

3 Os recentes episódios de violência nas escolas brasileiras abalaram fortemente o país. Como vocês trabalham esse assunto na Oficina de Vulnerabilidade Juvenil?

Esta temática é trabalhada de diversas formas na oficina, buscando sempre dialogar com as demandas dos alunos do curso. Nesses últimos semestres, por exemplo, trabalhamos com o conceito de interseccionalidade como forma de entender a sobreposição de opressões trazidas por raça, etnia, classe social e gênero e como isso interfere diretamente na saúde mental dos jovens. Falamos sobre estereótipos de gênero e masculinidade tóxica, relacionamentos abusivos, fake news e desinformação e a relação entre Internet, redes sociais e construção da identidade na juventude. Há também a preocupação em discutir como as políticas públicas existentes e os movimentos sociais buscam reduzir essas vulnerabilidades, priorizando o protagonismo juvenil. O objetivo geral é que eles entendam a violência nas escolas dentro da sua complexidade e possam discutir e propor soluções coletivamente, a partir da sua realidade.



NA LINHA DE FRENTE DA SUSTENTABILIDADE

Depois de cursar publicidade, ex-aluno mergulhou de cabeça na área ambiental e hoje é gerente de projetos de energia solar e eólica de uma grande empresa global

O ex-aluno Roberto Vianna seguiu uma trajetória profissional muito diferente da que tinha imaginado para sua vida. Depois de passar para o curso de Publicidade e Propaganda da PUC-Rio pensando em Leões de Ouro ou Prata em Cannes, ele ingressou como estagiário na área de engajamento em comunidades impactadas de uma grande empresa de petróleo, a Shell.

Recém-formado, surgiu a oportunidade de trabalhar em consultoria ambiental e foi fisgado pela área de sustentabilidade. Passou sete anos viajando pelo Brasil para entender de perto as necessidades das comunidades impactadas por grandes projetos, fez uma pós-graduação em gestão ambiental e foi convidado a trabalhar num projeto social da área de sustentabilidade de outra grande empresa do setor de energia, a norueguesa StatOil, hoje Equinor.

O projeto em questão, de empoderamento de mulheres da cadeia da pesca, ganhou um prêmio internacional e rendeu a Roberto o convite para ingressar na área de negócios da empresa. Hoje, aos 36 anos de idade, ele é gerente de projetos de energia solar e eólica da Equinor. E tem muitos planos para o futuro.

“O aquecimento global é uma questão chave para a humanidade atualmente. E o que aquece o planeta? Basicamente as emissões dos combustíveis fósseis e

a queima das florestas. Por isso a sustentabilidade está no centro dos negócios. Ela é um valor em si. E o Brasil tem um potencial enorme nessa área, além de ter muito território que pode ser preservado e recuperado também. Vale lembrar que a Floresta da Tijuca já foi um cafezal. É possível, se a gente entender a importância da sustentabilidade e se fizer dela um negócio economicamente rentável. Eu sou otimista de que o Brasil vai acordar para isso”, diz.

Formação de caráter

Carioca, filho de pai militar, Roberto morou com a família em vários lugares do Brasil, e, de volta ao Rio na adolescência, entrou no Colégio São Vicente, por escolha da mãe, pedagoga, para cursar a 7ª série (hoje 8º ano). Ficou até o 1º ano do Ensino Médio, quando o pai foi transferido novamente, desta vez para Londres, como adido naval.

“Apesar do pouco tempo, o São Vicente foi um colégio que me trans-

formou, no sentido de valores, de formação de caráter mesmo. Tanto pelo conteúdo ensinado como pela forma de ensinar, valorizando a participação dos alunos e a formação de cidadania, muito diferente do ensino tradicional que eu tinha vivido até então. Fiquei surpreso com a quantidade de opções e a liberdade que os alunos tinham, junto a muita responsabilidade também. Duas coisas me marcaram no colégio: de um lado, essa vivência de macro temas da sociedade sendo discutidos no dia a dia da escola; de outro, uma valorização da diversidade e de respeito ao outro que me permitiram conviver com pessoas muito diferentes. Isso foi muito enriquecedor”.

Por conta da formação sólida e da visão de mundo ampla oferecidas no São Vicente, Roberto aconselha aos alunos de hoje não terem pressa de definir seu futuro profissional muito menos pautarem essa escolha pelo desejo dos pais ou por promessas de sucesso financeiro.

Oportunidades e escolhas

“Não importa que faculdade ou curso você vai seguir. A vida é feita de oportunidades e escolhas ao longo do tempo. O mais importante é você fazer o que gosta, o que acredita, o que se coaduna com seus valores e com sua personalidade, porque o caminho se faz caminhando. As oportunidades só vêm quando a gente se abre pra elas. Eu fui estudar comunicação social pensando em fazer jornalismo ou publicidade, mas acabei construindo um caminho muito diferente e gratificante”, afirma ele.

Recém-casado com Larissa, uma advogada tributarista, Roberto está de malas prontas para a Dinamarca, onde fará parte da equipe gestora de uma pequena empresa de energia solar adquirida pela Equinor, para auxiliar na segurança energética da Europa, hoje muito impactada pela guerra na Ucrânia. A ideia é ficar entre dois e cinco anos em Copenhague e depois replicar a experiência no Brasil, que é tido como estratégico para a sustentabilidade mundial. “Todos os nossos biomas – mata atlântica, floresta amazônica, cerrado, pantanal, caatinga – são riquíssimos e, além disso, o Brasil tem um grande potencial para a geração de energias renováveis”, diz Roberto Vianna, que pensa grande.

“Eu me considero um transformador social, sim, que hoje trabalha no mundo corporativo, numa grande empresa privada, na vanguarda da sustentabilidade socioambiental no setor. Mas quero ir além. Meu sonho no futuro é poder ter uma atuação como a de um Sebastião Salgado que, depois de fazer carreira internacional como fotógrafo, transformou a herança familiar de 600 hectares de terra degradada num modelo de recuperação florestal e de biodiversidade. Quem sabe? Existem muitos caminhos...”

“O IMPORTANTE É VOCÊ FAZER O QUE GOSTA, O QUE SE COADUNA COM SEUS VALORES E SUA PERSONALIDADE, PORQUE O CAMINHO SE FAZ CAMINHANDO”.

ROBERTO VIANNA

Na foto maior, Roberto na Mata Atlântica, quando fazia estudos de impacto ambiental. Na sequência, os aerogeradores numa viagem de campo; embaixo, Roberto no Complexo Solar Apodi, no Ceará, fotos de colegas de turma e em visita ao SV em 2023

O NOVO ESTATUTO DO GRÊMIO

Heráclito, filósofo turco de a.C, já dizia que tudo está em constante transformação. Se assim for, como não aplicar essa constante ao Estatuto do Grêmio? Afinal, o antigo documento tinha sido formulado em 1981! Por isso, a fim de trazê-lo para a realidade atual, o Grêmio Tropicália resolveu modificá-lo, deixando as partes consideradas ainda relevantes e sugerindo novas, que atendam aos requisitos que surgiram ao longo do tempo.

Como já se deve saber, o Estatuto (documento similar à Constituição, onde o CSVP seria o Estado) tem como função delimitar o que é papel do Grêmio e como este pode atuar. A partir desses esclarecimentos, serão citadas e explicadas neste texto algumas das modificações mais relevantes do documento.

Devido à entrada do 7º e do 8º ano para o turno da manhã, os sub-grêmios serão compostos pelo GREM (do Ensino Médio), o GREF (do 7º ao 9º ano) e o Mini Grêmio (do 4º ao 6º). Haverá no máximo doze representantes em cada chapa, e no mínimo dois alunos de cada série, para que, deste modo, a representação plural dos anos seja de fato efetivada. Assim como o Tribunal (representante do Poder Judiciário), que deverá ter no mínimo um e no máximo dois estudantes de cada série de sua organização.

Além disso, as eleições dos Grêmios passam a ser feitas de dois em dois anos, incentivando a realização completa dos projetos sugeridos e demandados e que estes não fiquem entrecortados por eleições a cada ano. Em relação ao Grêmio diminuir ao longo do tempo (seja devido à saída dos representantes da escola ou pelo afastamento de algum membro do cargo) se poderá indicar estudantes suplentes através de uma Assembleia Extraordinária e tendo conseguido a maioria dos votos que permitam a entrada dos novos membros.

Outra novidade são as reuniões periódicas entre o Grêmio (representante do Poder Executivo) e o Conselho de representantes (representantes do Poder Legislativo) a fim de otimizar a comunicação entre estes através de um compartilhamento mais regular das demandas e sugestões dos alunos do colégio. Finalmente, no caso de alguma emergência em que não se possa realizar uma eleição, as decisões serão tomadas através de um plebiscito.

A continuação do poder de voz e a representação do Grêmio são importantes para o reconhecimento das demandas dos estudantes e da comunicação destes com a Coordenação e com a Comunitária. Os Grêmios são, afinal, um vívido exemplo da atuação política dentro da vida escolar, em uma escala muito diferente da vista sendo exercida pelo Poder Executivo na política estadual, municipal e federal mas, ainda assim, muito real. Portanto, pode ser através do entendimento da dinâmica do Grêmio Estudantil que se amadureça o pensamento crítico e se aplique esse conhecimento para os mais diferentes âmbitos da política.

Manuela Vilhena,

aluna do 3º ano EM e integrante do Grêmio Tropicália.

Você conhece o Estatuto do Grêmio do CSVP?

Como o texto original do Estatuto é muito antigo, o que dificulta os processos eleitorais e as reuniões usuais dos grêmios atuais, a chapa Tropicália (GREM), como uma de suas últimas iniciativas do mandato, propõe a atualização do documento através de um aditivo especialmente elaborado em prol de todos(as) os(as) estudantes do Colégio.

Fique ligado(a)!
Em 03/maio você será convocado(a) para o PLEBISCITO de aprovação do termo aditivo.

Confira a versão original do Estatuto:

Leia o termo aditivo:

Obs.: Votarão todos(as) estudantes do 9ºEF e do Ensino Médio.

FRATERNIDADE PARA A TRANSFORMAÇÃO SOCIAL

“Dilatai a fraternidade e chegareis das afeições individuais às solidariedades coletivas, da família à nação, da nação à humanidade”
Rui Barbosa

O ano era 1985. A professora era a Maria Lúcia Rocha Coutinho. O autor era Vygotsky com o conceito de zona proximal de desenvolvimento. O trabalho de final de semestre da faculdade era realizado no nosso colégio para verificar se a criatividade diminui durante os anos escolares. A nossa hipótese foi refutada naquelas turmas do nosso colégio, que participaram da pesquisa dos usos não usuais dos objetos. Mas algo chama atenção: onde estavam as crianças negras? As crianças com deficiências? Os professores negros? As novas configurações familiares? Os alunos adotados?

O ano era 2010. Depois de vinte e cinco anos volto ao nosso colégio, não mais como aluna, mas como mãe de uma criança negra. E algo chama atenção: onde estavam as crianças negras? As crianças com deficiências? Os professores negros? As novas configurações familiares? Os alunos adotados?

Difícil é o colégio que não retrata o macro, mesmo quando o seu lema é a Educação para a transformação social. Os colégios estão inseridos em uma comunidade, que está inserida em uma nação, que faz parte de um contexto mundial, que a cada dia busca na atualidade, mesmo quando não sabe, formas para manter o neoliberalismo associado ao identitarismo. E agora, José? Como será possível, no espaço do nosso colégio, os 56,1% da população negra serem representados? Da mesma forma, os 23,9% de pessoas com deficiência estarem nos corredores? O nosso olhar não ser forjado por uma ideologia do homem branco explorador?

Do macro para o micro vale também compreender onde e como estão essas pessoas/alunos/professores/gestores que não estão no nosso colégio e os que estão, como estão conseguindo viver sem eles?

Os aspectos psicológicos, cognitivos e afetivos são determinados pelo ambiente cultural/social, e a emoção constitui função inseparável da aprendizagem. E o que constitui o sujeito é o olhar do outro. Então como ficam aqueles que são olhados como “ovelhas negras”, “insignificantes”, “problemáticos”, “incapazes”, “inferiores”? O ideal que permanece nessas horas aprisiona o que se pode ser. Muitos assim vistos podem se sentir fragilizados, envergonhados de si mesmos, despersonalizados, sem conseguir separar o real do imaginário. Nesses casos o olhar que constitui não reconhece essas pessoas como legítimas e nem merecedoras das suas possibilidades e conquistas. E, provavelmente, elas não se sentirão seguras, nem valorizadas e nem pertencendo a este lugar. Pobre fim de Policarpo Quaresma.

Quase ao final, então, pergunto: Para que serve o colégio? E o que pode ser incluído neste espaço social? E a resposta simplória que emerge é a de preparar pessoas para que a vocação de cada uma seja desenvolvida e realizada, para não deixar ninguém de fora e sem função. Em um local em que há um grêmio livre articulado com a diretoria desde o primeiro ano, há clube de ciência, há coral e arte, há esporte, há namoro, há debate sobre o feminismo, há encontros e desencontros.

O ano é 2023 e agora aqui estamos tentando diversificar e incluir o que não foi dito, foi silenciado, mas certamente vivido.

Eliane Caldas,

psicóloga e pesquisadora em Saúde Pública, é mãe do ex-aluno João Cândido Caldas do Nascimento Oliveira.



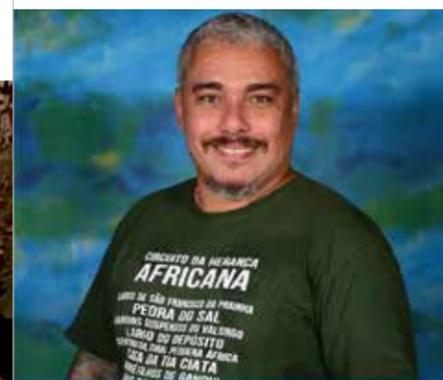
BOA SORTE, LUCIANO!

De mudança com esposa e filha para Boston (EUA), onde já vivem outros familiares seus, o inspetor Luciano Queiroz, que fez parte do dia a dia de milhares de vicentinos nos seus 26 anos de casa, foi homenageado com uma bela despedida no pátio lotado do colégio, na terça-feira, 16 de maio. “Tem alguém aí que gosta do Luciano?”, perguntou de microfone em punho a presidente da APM, Adryana Dantas. A que imensa turma de crianças e adolescentes respondeu em uníssono: “Eu!”. “E o que que a gente vai dizer pra ele?”, tornou a perguntar Adryana. “Eu te amo, eu te amo!”, gritaram em coro os alunos e alunas, que fizeram fila para abraçar o inspetor mais querido do São Viça, conhecido pelo carinho e a proeza de saber o nome de cada criança e adolescente da escola. Não faltaram falas, abraços, beijos e até lágrimas de estudantes, responsáveis e educadores, que fizeram questão de marcar presença para desejar boa sorte ao amigo. A diretoria eleita da APM organizou uma vaquinha no colégio para ajudar a família na mudança, e o dinheiro arrecadado (R\$ 41.354) também foi simbolicamente entregue a Luciano, junto com os cadernos com mensagens carinhosas dos estudantes. Muito emocionado, ele agradeceu as homenagens e a parceria com a comunidade vicentina ao longo dos anos. “Fui muito feliz e amado nesta escola. Muito obrigado”, disse ele. Nós é que agradecemos.

PRATA QUE BRILHA

Três fatos recentes fizeram a prata da casa brilhar ainda mais: as conquistas dos títulos de Doutor e Mestre, respectivamente, pelos professores Luís Gauí e Luiz Claudio Espírito Santo, e o lançamento do livro com a dissertação de mestrado da psicóloga Nira Kaufman, coordenadora da equipe do SOE. Professor de História, Gauí concluiu seu doutorado em Educação na UFRJ, com tese sobre formação continuada de professores, a partir da experiência do projeto Construindo e Preparando o Futuro, da congregação vicentina, junto aos professores da rede municipal de Serra do Ramalho, na Bahia. Já Luiz Claudio, graduado em Geografia e que dá aulas do Programa de Leitura, Interpretação e Produção Textual (Plipt) no São Vicente, cursou seu mestrado pela Facultad Latinoamericana de Ciencias Sociales (Flacso), criada pela Unesco. A sua linha de pesquisa foi sobre a escassez de políticas públicas que atendessem às demandas das mães da classe trabalhadora e de crianças na primeira infância em bairros enegrecidos da cidade do Rio de Janeiro. Especialista em educação inclusiva, as experiências e reflexões de Nira, por sua vez, levaram-na à dissertação de mestrado que redundou no livro *Inclusão Escolar: direções sobre a prática de mediação na escola*, que pode ser encontrado no site da Editora Pirlampo. Parabéns aos três!

Nira Kaufman no lançamento do seu livro, Luiz Cláudio e Luís Gauí (abaixo), após a defesa do doutorado, com o grupo de estudos da UFRJ. À direita, a escritora Sônia Travassos conversa com alunos, no auditório, durante a Semana Literária



HOMENAGEM A LILIANE

Desde 1999 no Colégio São Vicente de Paulo, onde passou pelas coordenações do Ensino Médio, do 5º e do 9º ano e também dos horários integral e ampliado, Liliane Conceição Ferreira dos Santos, partiu em janeiro, deixando uma enorme saudade em todos os que conviveram com ela. No dia 8 de março, Dia Internacional da Mulher, o Colégio fez uma homenagem a ela através de suas redes sociais: “À querida Liliane, ser humano e profissional ímpar, que tão intensamente se engajou na tarefa de ajudar a formar verdadeiros agentes de transformação social, dedicamos esta data tão bonita, reafirmando a marca indelével que ela deixa em nossa instituição e eternamente em nossos corações”, dizia a mensagem, seguida de muitos comentários carinhosos e saudosos. Obrigado por tudo, Lili!



SEMANA LITERÁRIA

Durante a semana de 24 e 28 de abril, a Sala de Leitura, sob o comando da professora Juana Coimbra, sediou mais uma edição da Semana Literária. Na terça-feira, 25/4, as turmas de 4º ano tiveram um bate papo no auditório sobre o livro *Nando, vô João e as histórias de pescador*, com a autora Sônia Travassos. No dia seguinte, nos Espaços Fazendo Arte 3 e 4, foi a vez das turmas de 2º EF conversarem com Patrícia Capella sobre seu livro *Furão*. Uma tarde de autógrafos e bate papo com Anna Cláudia Ramos, autora do livro *Quem é, quem é? Festa à fantasia* foi a atividade das turmas do 1º ano do Fundamental na quinta-feira 27 de abril, na Sala de Leitura. Na mesma tarde, no auditório, as turmas de 5º ano trocaram ideias com Cintia Barreto e Luciana Grether sobre o livro *Fala, menina*. E, por fim, na sexta-feira 28, as alunas e alunos do 3º EF ocuparam os Espaços Fazendo Arte 3 e 4 para um bate papo sobre o tema Literatura afro-indígena com Luciana Nabuco, autora e ilustradora dos livros *Okan: a casa de todos nós* e *Orikis*.

APRENDENDO COM AS CIÊNCIAS COMPORTAMENTAIS

Livro: *Rápido e devagar: duas formas de pensar*, de Daniel Kahneman. Objetiva, 2012

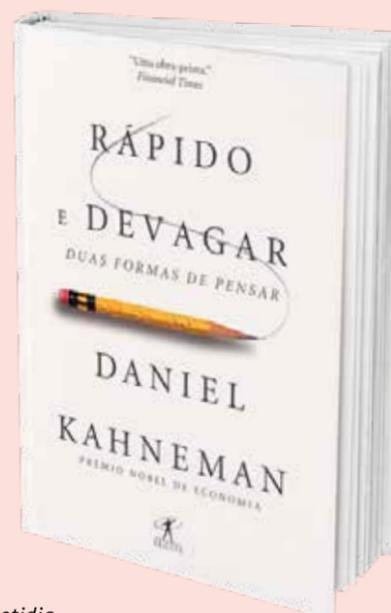
Pense no problema: um taco de beisebol e uma bola custam juntos R\$ 1,10, sendo que o taco é R\$ 1,00 a mais que a bola. Quanto custa a bola? A maioria das pessoas responde equivocadamente R\$ 0,10. E a explicação para isso é dada pelo psicólogo e vencedor do prêmio Nobel (2002) Daniel Kahneman em seu livro Rápido e Devagar, duas formas de pensar.

A obra deriva de uma longa trajetória de estudos, a partir dos anos 1970, em que o autor e Amos Tversky começaram a questionar a ideia do homem racional proposta pela economia clássica. Ao contrário do que vigorou por muitas décadas, eles notaram que as nossas decisões nem sempre eram tomadas de maneira lógica. A observação do processo decisório deu origem a uma teoria de funcionamento cognitivo em que dois sistemas se alternam e se complementam: o "Sistema 1", que é intuitivo, rápido e emocional atua na maior parte do tempo, e o mais racional e lógico "Sistema 2" é convocado em situações mais complexas, como a multiplicação de 17 x 28. A predominância da atuação do sistema 1, explicaria, portanto, a irracionalidade de muitas de nossas decisões.

O livro, é recheado de explicações sobre a aplicação da teoria em situações cotidianas, como decisões econômicas, diagnósticos médicos e até mesmo em nossos próprios relacionamentos pessoais. Possivelmente, já aconteceu com você de entrar em uma loja e um produto te chamar bastante atenção. Apesar de ter gostado, você não está considerando comprá-lo até que o vendedor lhe diz que aquele modelo está numa promoção naquele final de semana, e o preço inicial de R\$ 500,00 agora tem 40% de desconto e custa R\$ 300,00. Possivelmente, você passará a enxergar que agora tem um excelente negócio à vista. Mas, na verdade, você não tem um conhecimento sobre a cadeia de produção, matéria-prima, logística, etc., do produto para dar uma opinião acurada sobre o preço da mercadoria. Sua única referência é o valor de R\$ 500,00, e é ele que influenciará sua decisão de achar que R\$ 300,00 é um preço justo e mesmo promocional.

Ou seja, nosso cérebro sempre busca uma resposta rápida e com o menor custo de energia possível. No caso, como ele não tem como saber o que seria o preço razoável daquele modelo de produto, ele usa como referência o primeiro valor que lhe foi mostrado (R\$ 500,00). Isso é um fenômeno psicológico chamado ancoragem. É o que Kahneman define como fazer estimativas a partir de um valor inicial dado para produzir a resposta final.

Este é apenas um dos efeitos explicados em um livro que traz os ensinamentos das ciências comportamentais escrito de maneira simples e acessível, oferecendo insights e conselhos práticos.

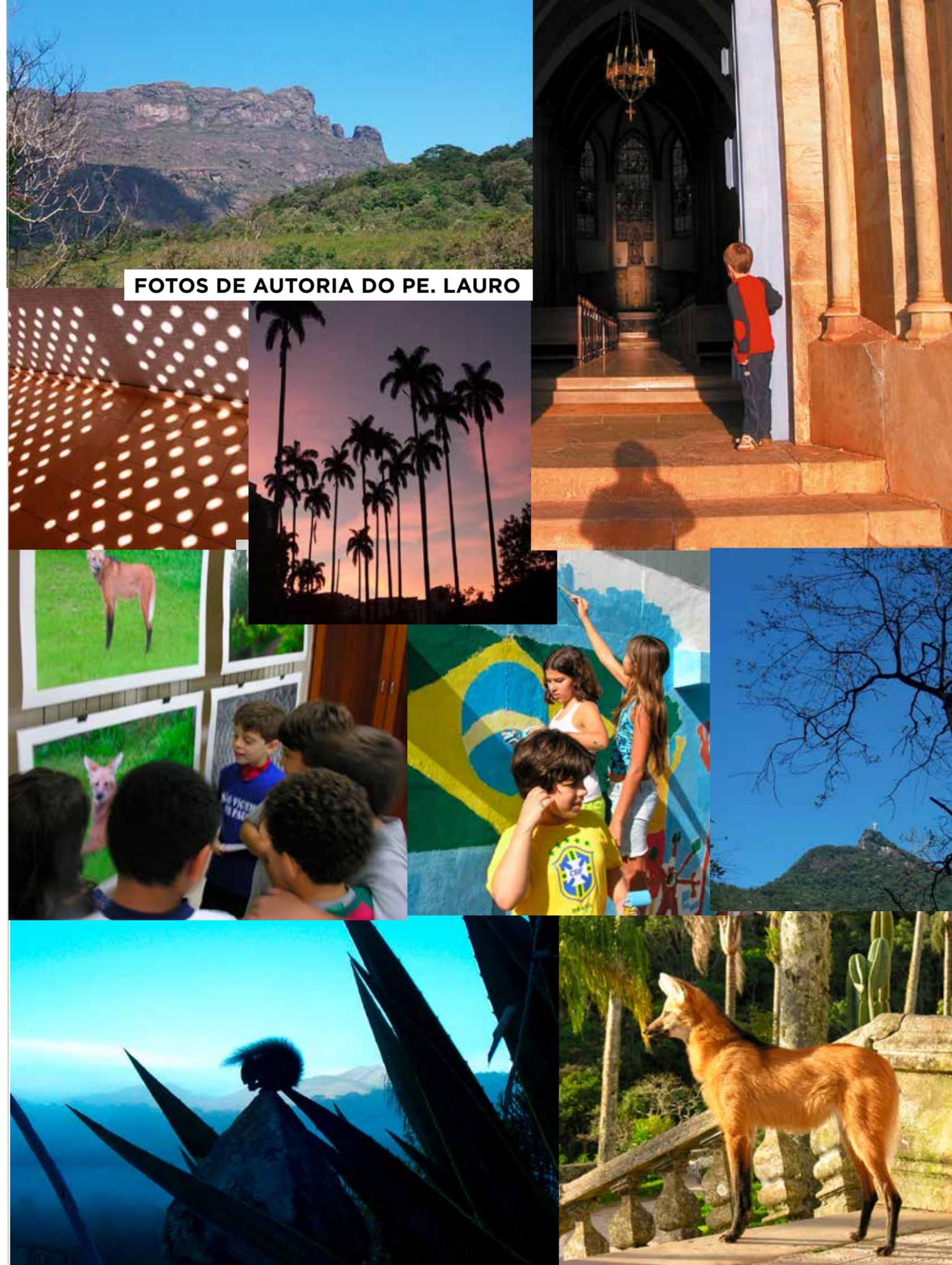


“NOSSO CÉREBRO SEMPRE BUSCA UMA RESPOSTA RÁPIDA E COM O MENOR CUSTO DE ENERGIA POSSÍVEL.”

Mônica Mourão,
mãe da aluna Júlia Mourão, do 2º EF, é planejadora financeira, ajudando pessoas a tomarem decisões mais inteligentes sobre seu dinheiro.

(Quer saber a resposta do valor da bola?
É só mandar um direct no Instagram @amonicamourao)

FOTOS DE AUTORIA DO PE. LAURO



CURTE FESTA JUNINA?



É CRIATIVO? TÁ COM SAUDADE DO PRESENCIAL?

PARTICIPE DO CONCURSO DE ESTAMPARIA DO CSVP!



O QUE SENTE QUANDO PENSA EM FESTA JUNINA? EXPERIMENTE ESTAMPAR UMA CAMISETA SOBRE ESSA SENSÇÃO E CONCORRA A PRÊMIOS!

MANDE SUA ARTE COM MOTIVO JUNINO PARA APM@CSVP.G12.BR OU ENTREGUE SEU PROJETO DE ESTAMPA EM UMA FOLHA A4 PARA SEU PROFESSOR DE ARTES DO CSVP, ATÉ O DIA 13/6/2023.

O RESULTADO SERÁ DIVULGADO DIA 15/6/2023 VIA CLASSAPP E NA PÁGINA OFICIAL DA APM NO INSTAGRAM @APM_CSVP_RIO. O REGULAMENTO PODE SER ACESSADO POR LÁ TAMBÉM. BOA SORTE!

